

A CENSURA NO MUNDO DAS ARTES VISUAIS E OS REFLEXOS NA CONTEMPORANEIDADE

GUILHERME SUSIN SIRTOLI¹;
CLÁUDIA MARIZA MATTOS BRANDÃO²;

¹*Universidade Federal de Pelotas – guisusinsirtoli@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – attos@vetorial.net*

1. INTRODUÇÃO

O mote reflexivo principal para a elaboração deste trabalho se deu por conta do recente acontecido na cidade de Porto Alegre, em meados de setembro de 2017, onde um grupo de pessoas se mobilizou contra a exposição de arte intitulada “QueerMuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira”. A presente exposição se encontrava no prédio do Santander Cultural, o espaço acabou optando por fechá-la frente à pressão de integrantes do MBL e grupos conservadores.

Esta pesquisa visa relacionar casos de censura acontecidos no meio das artes e dessa forma compreender o quanto a arte é mal compreendida e re(existe) até os dias atuais. A pesquisa integra as ações do projeto de pesquisa “DO PÍNCEL AO PÍXEL: sobre as (re)apresentações de sujeitos/mundo em imagens”, desenvolvido no âmbito do PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq).

A censura no mundo das artes não é um fato novo, muito pelo contrário. O caso do QueerMuseu nos remete a diversos outros acontecimentos históricos. Dentre eles, não podemos deixar de citar o episódio que mostrou o repúdio e a agressão de Adolf Hitler frente aos artistas e obras modernistas na época da Alemanha nazista. Hitler, conhecido por ser um artista fracassado, teve seu ingresso à Acadêmica de Belas-Artes de Viena negado diversas vezes, ele acreditava que a arte moderna era ‘degenerada’ e ‘imprópria’:

Os nazistas classificam como "degenerada" (*entartet*) toda manifestação artística que insulta o espírito alemão, mutila ou destrói as formas naturais ou apresenta de modo evidente "falhas" de habilidade artístico-artesanal (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2017).



Figura 1: **Egon Schiele.** *Couple de femmes amoureuses*. Lápis e aquarela sobre papel, 1915. Disponível em:
https://fr.wikipedia.org/wiki/Couple_de_femmes_amoureuses

A exposição intitulada ‘Arte Degenerada’ foi inaugurada em meados de 1937, em Munique, contendo obras de diversos nomes conhecidos do expressionismo alemão, e do panorama internacional, dentre eles Marc Chagall, Egon Schiele (Figura 1) e Vassily Kandinsky. As obras foram confiscadas de museus tidos como ‘subversivos’ e de diversas famílias judias da época, sendo essas nomes importantes para a fomentação da arte moderna na Europa. (FERRAZ, 2015)

A interpretação de cada indivíduo frente a uma obra de arte reflete o seu imaginário e o seu repertório reflexivo. Portanto, consideramos de suma importância uma reflexão acerca do objeto retratado, sendo essa um exercício constante e que necessita de informação para ser colocada em prática:

A emancipação, por sua vez, começa quando se questiona a oposição entre olhar e agir, quando se comprehende que as evidências que assim estruturam as relações do dizer, do ver e do fazer pertencem à estrutura da dominação e da sujeição (RANCIÈRE, 2017, p.17).

As palavras de Rancière nos ajudam a entender que o que acontece na maioria de casos, como o ocorrido em Porto Alegre, resulta da falta de exercícios reflexivos mais profundos. O que vemos são espectadores que tendem a ter um entendimento superficial da obra, que por sua vez pode causar um certo choque ou receio, resultando numa interpretação vazia e, muitas vezes, superficiais, embasadas principalmente em valores religiosos.

2. METODOLOGIA

O trabalho é de cunho qualitativo, caracterizado como pesquisa bibliográfica, no âmbito do estudo de caso. A pesquisa está em sua fase inicial, com levantamento de dados históricos e de possíveis relações entre as ideias que estruturaram a ‘Arte Degenerada’, durante o período nazista, em meados da década de 40, do século XX, e o que instigou o fechamento da exposição “QueerMuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira”, ocorrido em setembro de 2017, além dos sucessivos atos de censura que estamos identificando desde então.

Desde o momento do fechamento da exposição pelo Santander Cultural até a escrita desse texto identificamos TANTOS atos de censura semelhantes, são eles: a tentativa de censurar uma exposição de arte em Brasília, o impedimento por parte de grupos conservadores da exposição QueerMuseu ir para Minas Gerais, o pedido de cancelamento de um advogado para uma peça de teatro por considerá-la um “escárnio e a performance do artista Wagner Schwartz, chamada “La Bête” no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM). Além disso, também é de suma importância mencionar as inúmeras denúncias por parte de usuários do Facebook em imagens da arte, usuários estes que se sentem ofendidos com as mais diferentes imagens, de diferentes tempos históricos.

Vemos, portanto, que a questão é complexa e exige um estudo teórico sério e que demandará tempo. Portanto, apresentaremos aqui as primeiras relações estabelecidas e alguns possíveis encaminhamentos reflexivos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O fechamento da exposição QueerMuseu por grupos reacionários e conservadores, em número cada vez mais crescente no país, nos mostra que muito do que julgamos ser ‘passado’, continua reverberando cada vez mais no

presente. Para compreender o impacto que algumas obras causaram nestes grupos específicos, é preciso analisar a obra de arte como resultante da articulação de linguagens próprias, que rompem com as características dos processos verbais. Para compreender o conteúdo de tais obras, é necessário entender melhor o sistema das artes (CAUQUELIN, 2005).

O julgamento de diversos grupos conservadores sobre a referida exposição de arte mostrou não apenas a falta de reflexão, mas também a falta de informações sobre o que estava sendo julgado. A obra 'Cena de Interior II' (Figura 2) da artista brasileira Adriana Varejão, por exemplo, foi alvo de muitas críticas, sendo a principal delas a incitação e apologia à zoofilia.



Figura 2: **Adriana Varejão**. *Cena de Interior II*. Óleo sobre tela, 1994.
Disponível em: <http://www.adrianavarejao.net/pt-br/cena-de-interior-ii>

Adriana Varejão é uma artista brasileira contemporânea que vem ganhando cada vez mais notoriedade com o passar dos anos, tanto pela qualidade técnica de suas produções, assim como pela qualidade das críticas que elabora a sociedade brasileira e suas práticas históricas, muitas confinadas à quatro paredes, obras essas que a projetaram em âmbito internacional (Escritório de Arte, 2017). O trabalho de Adriana percorre diversas vertentes, entre elas a inspiração e abordagem diferenciada da temática colonial brasileira.

Em 'Cena de Interior II', a artista dá luz a práticas comuns em diversos lugares do Brasil que acontecem 'por debaixo dos panos'. A zoofilia é prática recorrente no interior de diversos estados brasileiros e é tida como um rito de passagem, uma espécie de iniciação sexual masculina, inclusive no Rio Grande do Sul. Segundo Adriana, as acusações de sua pintura aconteceram por conta de um público mal informado entrando em um espaço diferente, espaço esse de liberdade e experimentação (Agora é que são elas, 2017). Constatando isso, chegamos na conclusão de que "devemos perceber dentro da sociedade quais são os aspectos que cumprem papel de condições de produção de arte, e demonstrar que tais condicionamentos deixam traços nas obras" (CANCLINI, 1979, p.41).

A obra 'Cena de Interior II' é uma espécie de janela que também nos faz refletir sobre abusos sexuais, a violência e humilhação presentes no período da escravidão brasileira. Está nítida a representação de práticas obscuras e

escondidas em um vergonhoso “segundo plano” de nossa história. E essa história ganha protagonismo na tela de Varejão (SCHWARCZ, 2017).

A arte precisa ser compreendida como transmissora de manifestos políticos e entendida como potência crítica. A interpretação rasa a faz parecer um cartaz publicitário, meramente visual. Para conseguir entender essa condição na atualidade, é preciso recorrer à história. Ainda no século XX, o crítico e teórico italiano Giulio Carlo Argan fez uma reflexão sobre o famoso quadro *Guernica* de Picasso e a recepção por parte do público, afirmando que a posição dos artistas não está acima da realidade política e que sua liberdade de criação não significa de modo algum, imunidade de julgamentos (ARGAN, 1988).

4. CONCLUSÕES

A censura sempre esteve presente no mundo das Artes Visuais e é cada vez mais nítida a relação histórica e a recorrência da mesma na contemporaneidade. Apesar dos recursos tecnológicos e informativos que possuímos atualmente, poucas informações são lidas criticamente. É de suma importância refletir sobre a obra de arte ao invés de vê-la com o viés puramente visual e estético, entendendo-a como “apologia”, sem o reconhecimento de que a obra expõe questões que o artista busca problematizar. A informação, não somente sobre o repertório do artista, mas sobre as questões que permeiam seu imaginário se fazem necessárias, para a compreensão dos sentidos interpretativos da obra, descartando assim falsos julgamentos e hipocrisias.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARGAN, G. C. **Arte e Crítica de Arte**. Lisboa: Editorial Estampa, 1988.
- CANCLINI, N. G. **A Produção Simbólica. Teoria e metodologia em sociologia da arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- CAUQUELIN, A. **Arte Contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- Enciclopédia Itaú Cultural: Arte e Cultura Brasileiras. **ARTE Degenerada**. São Paulo. 2017. Acesso em: 20 de Set. 2017. Online. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo328/arte-degenerada>>.
- FERRAZ, J. G. **O expressionismo, a Alemanha e a ‘Arte Degenerada’**. CADUS – Revista de História, Política e Cultura, São Paulo, v.1,n.1, Julho/2015.
- RANCIÈRE, J. **O espectador emancipado**. São Paulo. WMF Martins Fontes. 2017.
- Agora é que são elas. **Adriana Varejão: “a arte deve ter liberdade total”**. Folha de São Paulo Digital, São Paulo. 12 set. 2017. Acessado em 26 set. 2017. Disponível em: <http://agoraequesaoelas.blogfolha.uol.com.br/2017/09/12/adriana-varejao-a-arte-deve-ter-liberdade-total/>
- SCHWARTZ, L. M. **A obra de Adriana Varejão e a nossa ‘Cena de Interior’**. Nexo Jornal Digital, São Paulo. 25 set. 2017. Acessado em 26 set. 2017. Disponível em <https://www.nexojornal.com.br/colunistas/2017/A-obra-de-Adriana-Varej%C3%A3o-e-nossa-Cena-de-Interior>
- Escritório de Arte. **Adriana Varejão: Biografia**. Escritório de Arte Digital. 2017. Acesso em 24 set. 2017. Disponível em: <https://www.escritoriodearte.com/artista/adriana-varejao/>